>Criação artística e metáforas bíblicas: uma relação de experiência

>Artistic creation and biblical metaphors: a relationship of experience

por Edivan Waterkemper Silveira

por Jéferson Luís Azeredo

Doutor em Filosofia pela Unisinos e professor de Filosofia na Unesc. E-mail: jeferson@unesc.net. ORCID: 0000-0002-1770-6021.

Resumo

Neste artigo, evidenciamos que, para que possamos pensar as metáforas como um campo de experiências para a criação artística e, com isso, possamos usá-las como possibilidade aberta de repensar o mundo em que vivemos, é necessário destacá-las como lugar de experiência; para que isso aconteça, nosso objetivo aqui é indicá-las como uma disposição da compreensão. Procuramos, com isso, convocar o potencial da disposição para que nunca deixemos de empreender uma intensa e inesperada experiência nova, pois, quando as palavras se abrem para novas possibilidades, ao acessá-las pela via da compreensão e experiência, podemos ressignificar o mundo em que vivemos e, sobretudo, a nós mesmos. Alijamos essa compreensão a partir de alguns autores, especialmente Paul Ricoeur, Aristóteles e Friedrich Nietzsche, pois a partir deles, somos capazes de realizar o diálogo com as metáforas bíblicas, como um tipo mais específico de experiência, aproximando a experiência religiosa e o pensamento, no que se refere à criação artística.

Palavras-chave: Metáforas bíblicas. Experiência estética. Diálogo. Lugar.

Abstract

In this article, we show that, so that we can think of metaphors as a field of experiences for artistic creation and, therefore, also as an open possibility of rethinking the world we live in, it is necessary to highlight them as a place of experience, and for this happen, our aim here is to indicate them as a disposition of understanding. With this, we seek to summon the potential of disposition so that we never stop undertaking an intense and unexpected new experience, because, when words open up to more possibilities, by accessing them through understanding and experience, we can reframe the world in which we live and, above all, ourselves. We jettisoned this understanding from some authors, especially Paul Ricoeur, Aristotle and Friedrich Nietzsche, because from them, we are able to carry out a dialogue with biblical metaphors, as a more specific type of experience, bringing together religious experience and thought in the which refers to artistic creation.

Keywords: Biblical metaphors. Aesthetic experience. Dialogue. Place.

> Artigo recebido em 08.06.2021 e aceito em 27.09.2021.

*Se a metáfora consiste em falar de uma coisa nos
termos de outra, não consistirá também em
perceber, pensar ou sentir, a propósito de uma
coisa, nos termos de outra?*

Paul Ricoeur, *Hermenêutica dos símbolos e
reflexão filosófica*

1. Por onde trilhamos

O uso de metáforas aparece na história de muitas formas, oscilando entre uma supervalorização, como defende o filósofo Nietzsche (1983, p. 213), dizendo que a verdade é “um exército móvel de metáforas”. Com isso, o autor aponta um tipo específico de linguagem, capaz de deixar aparecer um mundo novo, um contraponto ao que não é facilmente percebido pelo crivo da razão ou da cultura que naturalizamos na história, ou seja, pelo modo histórico de entender as coisas, que certamente foi o que predominou. Do outro lado dessa supervalorização, aparecem aqueles que seguem uma tradição aristotélica, deste que justamente foi o primeiro a apresentar a palavra *metaphora* (‘transferência’), só que com um sentido que a reduz a uma função ornamental, por ser compreendida como uma predicação e, portanto, insistindo em destituir-nos de utilizá-la.

Entendemos aqui que a metáfora, como criação humana, quer resgatar diversos sentidos da vida que temos e constantemente buscamos significar, mesmo que isso transpareça num primeiro momento, como uma estranha linguagem, ou que seja, normalmente, assim considerada. Assumimos a metáfora como um lugar de poética e de ressignificação das coisas sob novas bases epistêmicas. Assumimos também os limites aqui percebidos, de que recortes precisaram ser feitos, sejam de alguns filósofos que selecionamos ou até da bibliografia quista, pois não daríamos conta de findar ou suprir toda a questão trazida, a saber: a metáfora como lugar de experiência de pensamento.

Nesta pesquisa, que traz uma parte do trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais, de um dos autores deste artigo, visamos apresentar que há uma discussão, séria e rigorosa, que sustenta a metáfora como uma linguagem para

além de um uso interpretativo; desse modo, nos convida a estar nela e, assim, produz uma espécie de acionamento da nossa percepção como não feito antes, quando nunca nos permitimos adentrar nesse “jogo de metáforas”, que propõe regras diferentes e excêntricas, por exemplo. Isso não se trata de um “simples” jogo do pensamento, embora ele esteja inserido nessa posição, mas, propriamente de um lugar em que podemos nos sentir à vontade para, a partir dele, sermos transformados para outras experiências que nos levarão a ressignificar tudo o mais. Não se trata de uma dialética do tipo hegeliana, mas de um movimento de compreensão que aceita a diferença como uma espécie de parte esquecida.

Como um tipo especial de exercício, propomos a metáfora bíblica como parte do nosso trabalho; por ela, podemos visualizar esse lugar de experiência que a metáfora deixa aparecer, convidando e proporcionando a todos os que se dispõe a percebê-lo.

Isso é mais do que uma subjetividade ou relativismo; é compreender que uma linguagem metafórica, quando acionada por cada um, é capaz de convidar a ser o mundo daquele que já a frequentou, ou seja, o criador da metáfora foi “capaz” de deixar aberto o caminho para todos os outros terem a mesma experiência. No caso das metáforas bíblicas, que nos permitem pressupor lugares em que predomina aquilo que chamamos de ética, nos convidam a ser um novo mundo de nova forma.

Desse modo, foi realizada uma pesquisa de tipo básica, a partir da análise de textos e da reunião de autores, que pudessem convergir para com a nossa hipótese maior, metáforas como lugar e aberto a todos.

2. Um olhar sobre as metáforas

Ao analisarmos o significado e uso da “metáfora”, deparamo-nos com um fenômeno que tem sido objeto de estudo alçado desde a Antiguidade Clássica Ocidental e tem gerado uma discussão longe de consensos. Desde Aristóteles

(384-322 a.C.), até autores da modernidade, como Descartes (1596-1650) e Nietzsche (1844-1900), encontramos inúmeros estudos dirigidos à metáfora, o que nos provoca, já de início, certa curiosidade devido a esse vasto conjunto de pesquisadores interessados e suas obras. Ao mesmo tempo, isso nos exigiu uma metodologia, para que essa gama de fundamentações ao longo da nossa história, especialmente a mais recente, pudesse nos fornecer, pelos usos da metáfora, uma discussão que garantisse uma visão mais aberta de mundo, especialmente sobre nós mesmos.

Voltando a esse contexto mais “antigo”, especialmente com Aristóteles, que inicia o debate teórico e funcional sobre metáfora, ele já prescrevia que seu uso não poderia ser restrito a uma redução como paráfrase literal ou uma simples figura de linguagem, ainda que, em alguns dos trabalhos do filósofo, podemos perceber uma indicação mais formal afastando-se de um apelo ao ato criativo; como nas obras *Poética*¹ e *Arte Retórica*,² em que o estagirita argumenta que “a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia”³.

Compreendemos, portanto, que a metáfora se torna um ornamento retórico para quem o interpreta, o que indica sobretudo carência de outras referências para além do dizer como objetificação. Recorremos, também, ao dicionário de filosofia, em que podemos ver mais resumidamente como Aristóteles compreendia a metáfora:

A Metáfora consiste em dar a uma coisa um nome que pertence a outra coisa: transferência que pode realizar-se do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para outra ou com base numa analogia”. A noção de Metáfora. algumas vezes foi empregada para determinar a natureza da linguagem em geral (v. LINGUAGEM). Como instrumento linguístico, hoje sua definição não é diferente da definição de Aristóteles⁴.

¹ Aristóteles. *Poética*. [Tradução de Ana Maria Valente]. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. (Cf. Capítulos: XXI, IX, XVI e XXII).

² Aristotle. *The “Art” of Rhetoric*. Englis Translation by J. H. Freese. Massachusetts, USA: Harvard University, 1926.(Cf. Livros: II, III, IV, VI, X e XI).

³Aldo de Lima, *A metáfora: da analogia à técnica de fusão de opostos*, 2015, p. 10.

⁴ Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, 2007, s.v. METÁFORA.

Entretanto, mesmo diante de um “afastamento” do ato criativo, há algumas indicações opostas feitas por Aristóteles, de que metáfora “revela o engenho natural do poeta”⁵, trazendo à tona pela semelhança o que a palavra não deu conta de mostrar, o que nos leva a pensar que esse trabalho estava incompleto, para o filósofo, deixando-nos uma segunda possibilidade quanto ao uso e interpretação das metáforas. Contudo, reforçamos que não é nada além de uma função de indicação, ainda, pois para Aristóteles:

[...] a ausência do termo de comparação na metáfora não implica que a metáfora seja uma comparação abreviada, mas, pelo contrário, que a comparação é uma metáfora desenvolvida. Ora, a comparação diz, “isto é, como aquilo”; e a metáfora diz, “isto é, aquilo”⁶.

Ao encontro dessa “abertura” para pensarmos a metáfora de outra forma, vemos no trabalho do professor Ivor Armstrong Richards (1893-1979), próxima da leitura Aristotélica, que se pode “atingir a cognição pelo uso metafórico, pois promove a mudança da teoria retórica da substituição para uma teoria semântica da interação”⁷. Isso nos permite iniciar uma discussão em que, agora, o ser humano pode também ressignificar o mundo, renomeá-lo e reorganizá-lo, o que não é somente uma analogia.

É por essa linha teórica que Richards apresentou argumentos fortemente esclarecidos que se desdobram em uma saída da metáfora como erro ou desvio da linguagem ordinária, a uma possibilidade de compreensão da própria cognição humana ou, ainda, da própria atividade de ser e pensar. Ora, indo ao encontro do que já apontava Friedrich Nietzsche (1844 -1900), especialmente em seu livro *Verdade e mentira no sentido extramoral*, no qual afirma que, “toda metáfora da intuição é particular e sem igual, escapando sempre, portanto, a qualquer classificação”⁸.

Ao comparar o ser humano a um animal audacioso, Nietzsche cria sua realidade a partir da natureza das coisas, agora percebidas a partir dessa vontade, ou seja, são definidas por ela. Para ele, o ser humano criou sua maneira

⁵ Aldo de Lima, *A metáfora: da analogia à técnica de fusão de opostos*, 2015, p. 10.

⁶ Rita de Cássia Oliveira, *Metáfora e discurso filosófico*, 2018, p. 9.

⁷ Marco Antônio Cardoso, *O papel da metáfora no discurso filosófico*, 2016, p. 4.

⁸ Friedrich W Nietzsche, *Sobre verdades e mentiras no sentido extra-moral*, 1983, p. 14.

de existir e de persistir na existência, que é o seu próprio intelecto. Aqui, entende-se o intelecto do ser humano como efêmero, chamado por ele de “*pathos* da verdade”, que seria um estado de ânimo.

Porém, foi também este *pathos* que o levou finalmente ao desencanto e ao desespero quando ele adquiriu a consciência da absurdidade e efemeridade da existência e quando ele descobriu que a verdade, tal como buscada até então pela tradição filosófica, era simplesmente engano, engodo, armadilha⁹.

É sob essa condição de metáfora como verdade que Nietzsche apresenta uma “saída” a um modo de ser menos criativo, que seria o uso demasiado da razão lógica e calculadora, como podemos ver quando ele contrapõe a metáfora da aranha e da abelha, comparando-a ao ser humano, dizendo, “ora, produzimo-las em nós e projetamo-las fora de nós segundo a mesma necessidade que leva a abelha a tecer sua teia”. Nesse caso, a aranha constrói de si sua armadilha (teia), já o ser humano constrói uma armadilha filosófica, discursiva, argumentativa.¹⁰ A abelha, por sua vez, produz o seu mel a partir da natureza. Ao contrário da aranha, ela não faz armadilha para os outros, mas algo bom, ou seja, vivemos em um mundo fictício.

E para o ser humano continuar sobrevivendo, ele usa esse intelecto mentindo. Para isso, deve manter-se em um convívio social porque sozinho não sobrevive, ou seja, o ser humano usa dessa mentira em sociedade para trabalhar e adquirir suas coisas, seu alimento. Precisa viver no meio da sociedade porque é nela que ele encontra afeto, atenção e respeito. O ser humano em sociedade precisa do próximo para continuar prosseguindo a vida. Ele não se compara à abelha, que, a partir da natureza, sobrevive. Ele precisa das outras pessoas em sua volta para continuar na existência, se autoconservando. Porém, ao contrário da verdade, a mentira pode ser prejudicial ao convívio com outras pessoas, excluindo-se de vez.

Na filosofia, a metáfora aparece, sobretudo, sendo trabalhada como a linguagem que é transformada em palavras e, estas, transformadas em

⁹ Friedrich W Nietzsche, *Sobre verdades e mentiras no sentido extra-moral*, 1983, p. 6.

¹⁰ *Idem*.

conceitos, que são transformados em “organizadores” de entendimento da realidade. Vemos que Nietzsche entende as palavras como representações de sons, ou seja, ao pronunciarmos alguma coisa, o nosso pensamento já capta o que quer dizer; então, para ele, a verdade é metáfora, metonímia, abstração, antropomorfismo ou ficção. Monteiro¹¹ menciona que, para Nietzsche: “o ser humano, sendo genuíno em criar, quando fala em cores, objetos ou animais, ele possui de metáforas das coisas que não correspondem às essencialidades delas.” Ou seja, a verdade, em não sendo apenas metáfora, também se resume a engano.

Ainda nessa via de metáfora como criação ou como possibilidade aberta de compreender ao mundo e a nós mesmos, vemos George Lakoff e Mark Johnson¹², que a compreendem na conjugação de processos sociolinguísticos e discursivo-cognitivos, entendida aqui como uma figura de linguagem usada para melhor compreensão das coisas.

Nesse sentido, a metáfora se faz presente subjacente à linguagem cotidiana, o que provoca uma saída a uma redução dicotômica do real/objetivo x ficcional/subjetivo. Assim, a metáfora se comportaria como pensamento poético, por desacomodar a palavra da sua referência fechada ao objeto, que vem ao nosso encontro para uso e consciência. O que está em jogo aqui é uma palavra para além de ser representada na função objetificadora, que se abre como uma possibilidade de criação de mundo, de realidade que foi deixada para trás pela forma de pensar, resumida em consciência e uso.

De encontro a essa simplificação da metáfora, Lakoff e Johnson a compreendem não só como um ornamento retórico ou um recurso da linguagem poética, mas como “infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Faz parte de nosso sistema conceitual que é

¹¹ Átila Brandão Monteiro, *A Verdade como Dissimulação em Nietzsche*: elementos para uma crítica da concepção essencialista de linguagem, 2012, p. 38.

¹² A partir do estudo sobre a natureza dos sistemas conceituais humanos, Lakoff funda a teoria sobre o pensamento metafórico, junto com Mark Johnson, registrando suas descobertas no livro *Metaphors We Live By (Metáforas da Vida Cotidiana – tradução nossa)*. Para eles, a ideia central é de que as metáforas, mais além de representar um aspecto formal da linguagem, nos permitem estruturar conceitos a partir de outros conceitos mais básicos e concretos.

metaforicamente estruturado e definido”¹³. Isso nos leva a pensar que estamos, até mesmo sem perceber, usando as metáforas de diversas maneiras em nosso cotidiano, como num diálogo com as coisas, para além da linguagem objetiva e mais convencional.

Assim, se em Aristóteles as metáforas eram usadas como figura retórica, estilística e linguística, prioritariamente, aqui, vemos outra forma de compreendê-las. Podemos, também, perceber essa “outra via” em Deleuze e Derrida, por exemplo, que entendem a metáfora como uma necessidade de se dizer exatamente o que quer dizer, mas no uso de outras palavras, como por exemplo: “aquela menina é uma flor”, em vez de dizer que ela é meiga. Isso avança no sentido da palavra direta e objetiva, abrangendo um significado mais profundo e, talvez, misterioso, mas ainda pertencente ao mundo da vida, que vai se mostrando mais significativo ainda. Esse mistério também se dá como uma experiência na e pela metáfora.

Usamos muito mais a indicação objetiva, dando nomes “exatos” às coisas e situações, porque é a forma mais simples de fazer com que uma pessoa possa entender o que queremos. Para Gilles Deleuze (1925-1995), no entanto, ao dizermos algo pelas metáforas, tiramos todo sentido do enunciado como posição indicativa e iniciamos um esvaziamento, em partes, da “nossa capacidade de entendê-lo, assim como a sua própria capacidade de se fazer entender” e “evocamos” uma leitura mais profunda das coisas, porque se abriu para uma atenção diferenciada e uma condição de nova apropriação, que antes não era o foco.¹⁴

Pela metáfora, usamos “isto é, aquilo” como uma forma literal dedar o sentido original, para a melhor compreensão das coisas, mas:

[...] temos que crer no que dizer, que temos que dar sentido e não apenas dizer que tal enunciado torna-se uma metáfora, mais que a metáfora

¹³ Wany Sampaio & Joeliza Lamarão, *Metáfora ontológica: a personificação na narrativa mítica e nos processos de formação de palavras*, 2015, p. 4.

¹⁴ François Zourabichvili, *Deleuze e a questão da literalidade*, 2005.

propriamente dita é apenas isso, é isso que se refere é isso que quer dizer¹⁵.

Deleuze quer dizer com isso que sempre que usarmos metáforas temos que crer no que está sendo dito, acreditar que as metáforas usadas fazem sentido, estabelecendo analogia com algo visível e do dia a dia, assim como aponta Ricoeur sobre o linguista Ivor Armstrong Richards, que:

[...] conceitua a metáfora como uma construção resultante de duas ideias: tenor e vehicle, equivalendo, respectivamente, à “ideia original” e à “ideia tomada de empréstimo”, ou seja, aquilo que está sendo dito ou pensado e aquilo com que está sendo comparado¹⁶.

Para Lakoff e Johnson, “os conceitos que governam nossos pensamentos não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade nos detalhes mais triviais”¹⁷. E é nesse sentido, que todos, mesmo sem saber que estão usando da metáfora, entendem do que se trata; porém, ainda é questão de cada indivíduo interpretá-la.

Para Richards, em *Metáfora e Discurso Filosófico*, “a metáfora tem validade para todas as formas de duplo sentido, podendo ser ligada às intenções, às pressuposições e às convenções veiculadas pelas partes ausentes do contexto”¹⁸. Aponta, ainda, que “as metáforas se resumem em conceitos como estruturais, orientacionais e ontológicos”¹⁹. A metáfora estrutural diz respeito ao fato de, na vida, nunca termos tempo o suficiente para fazer as coisas. Sendo assim, surge a metáfora de que “tempo é dinheiro”, domínio alvo. Já a metáfora orientacional, nesse caso, é um pouco menos aberta à pluralidade de sentidos que a estrutural. A palavra orientacional refere-se à oposição como cima-baixo, frente-trás. Um bom exemplo é: se alguém estiver para cima quer dizer que essa pessoa está bem, alegre, motivada. No entanto, quando alguém está para baixo, quer dizer o contrário. E, por último, encontra-se a metáfora ontológica, que

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ Rita de Cássia Oliveira, *Hermenêutica e Literatura: a metáfora em Paul Ricoeur como princípio de interpretação da poética em O Guesa, de Sousândrade*, 2018, p. 49.

¹⁷ Wany Sampaio e Joeliza Lamarão, “Metáfora ontológica: a personificação na narrativa mítica e nos processos de formação de palavras”, 2015, p. 4.

¹⁸ Rita de Cássia Oliveira, *Metáfora e discurso filosófico*, 2018, p. 4.

¹⁹ *Ibidem*.

está concebida pelas nossas experiências com substâncias e objetos físicos, como referir-se, quantificar, identificar aspectos, identificar causas.

Por meio desses três conceitos, dá-se também a personificação, que é a metáfora personificada, a qual cobre inúmeros aspectos diferentes de uma pessoa. Segundo Lakoff e Johnson “é o fato de serem extensões de metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, como base de nossas próprias motivações, objetivos, ações e características”²⁰, podendo, então, atribuir a cada pessoa um pensamento abstrato.

Lakoff e Johnson (2002), em seus estudos e suas descobertas sobre os sentidos, nos levam a identificar mais conceitos que a palavra metáfora nos traz. Um exemplo disso é o fato de a identificarmos, por sua forma e maneira de se apresentar, com múltiplos aspectos, e de nos fazer compreender a forma que usamos, podendo considerar que o jeito que interpretamos é diferente de outras pessoas, gerando, assim, esse pensamento abstrato, como apontado pelos autores supracitados.

Quando a metáfora é colocada em circulação, ela acaba apagando o duplo sentido que se faz para o sentido próprio:

A metáfora, mesmo sustentada por qualquer que seja o alicerce, não se deixa dominar por si própria, nem pelo que a engendrou, isto é, ela se faz crescer no seu solo, de modo que o conceito de metáfora tenta em vão compreender sob a sua lei a totalidade do campo ao qual pertence²¹.

Já Ricoeur (1913-2005) destaca, em *Metáfora Viva*, que não se deve descartar a imagem (figura) da linguagem poética, pois “[...] a função da metáfora é instruir por uma aproximação súbita entre coisas que se parecem distantes”²². Sendo assim, para o autor, em uma relação com o que foi apontado por Lakoff e Johnson, a imagem metafórica dá a cada indivíduo uma nova forma de interpretar, em que a imagem traz ao observador inúmeros níveis de

²⁰ *Ibidem*.

²¹ Marcos Sávio Santos Aguiar, *Derrida: a libertação da metáfora dos domínios da metafísica*, 2017, p. 6.

²² Paul Ricoeur, *A Metáfora viva*, 2000, p. 58.

significação: “com isso, a metáfora tem validade para todas as formas de duplo sentido, podendo ser ligada às intenções, às pressuposições e às convenções veiculadas pelas partes ausentes do contexto”²³.

Ricoeur afirma que o pensamento está em disputa, tencionando o literal e o figurado pela metáfora, que atíça o imaginário e a imaginação, construindo uma teoria da imaginação a partir da compreensão e da explicação metafórica que o faz entender cada vez mais a metáfora e a imaginação como atividades do pensar. Portanto, a metáfora não tem somente um papel determinante no discurso que quer apresentar uma ideia, mas, no pensamento, que se dá como uma experiência, como uma condição de ser.

Dessa via assumida aqui, que se refere ao significado e uso de metáforas, nos deparamos com um tipo especial de metáfora, a bíblica. E indo ao encontro dos autores citados, como Deleuze, Ricoeur, Nietzsche, Derrida, buscamos aprofundar o olhar e perceber a maneira com que as metáforas bíblicas se apresentam como fundadoras de outro tipo de interpretação e compreensão das coisas e, além disso, como uma experiência. É justamente por essa ideia de experiência que apostamos aqui que a metáfora também se transforma em uma imagem, ou melhor, a imagem como metáfora. Mas como resgatar as metáforas bíblicas como imagens?

Percorremos essa via para compreender as metáforas bíblicas, sobretudo, utilizando os trabalhos de Ricoeur, em que se afirma que ao pronunciar uma metáfora relacionamos a algo que parece estar distante, mas agora o aproximamos e tornamo-lo íntimo.²⁴ Para Ricoeur, bem como para Lakoff e Johnson, as metáforas quando fazem parte do dia a dia do homem, também têm esse poder de trazer a liberdade de experimentar novas experiências de pensar e criar, pois a todo momento estamos nos apropriando de forma verbal da linguagem metafórica.

²³ Rita de Cássia Oliveira, *Metáfora e discurso filosófico*, 2018, p. 4.

²⁴ Paul Ricoeur, *A Metáfora viva*, 2000.

Entretanto, de acordo com o filósofo francês Jacques Rancière (1940), há uma espécie de divisão que nos ajudará a enfatizar as metáforas como experiências que podem ser representadas, agora, por imagens.

Em *A partilha do sensível*, Rancière diz que, “uma obra de arte vai depender de seu tempo e espaço a ser inserido”²⁵, ou seja, ressignificando, reconstruindo, modificando de seu habitual pertencimento. A partir disso, ele trata dos três grandes regimes de identificação: o regime ético das imagens, o regime poético ou representativo das artes e o regime estético:

O regime ético das imagens não é identificado enquanto tal, mas se encontra subsumida na questão das imagens. Há um tipo de seres, as imagens, que é objeto de uma dupla questão: quanto à sua origem e, por conseguinte, ao seu teor de verdade; e quanto ao seu destino: os usos que têm e os efeitos que induzem” [...] O regime poético ou representativo das artes “[...] podem ser reconhecidas como pertencendo propriamente a uma arte e apreciadas, nos limites dessa arte, como boas ou ruins, adequadas ou inadequadas.” [...] E o regime estético “Estético, porque a identificação da arte, nele, não se faz mais por uma distinção no interior das maneiras de fazer, mas pela distinção de um modo de ser sensível próprio aos produtos da arte. [...] Remete, propriamente, ao modo de ser específico daquilo que pertence à arte, ao modo de ser de seus objetos”²⁶.

Nisso, vemos que Rancière também vem trabalhando com as dimensões das metáforas agora representadas pela estética com a linguagem visual e que se conecta com a ética, apontando que, por ela, produzimos um tipo novo de homem, um outro modelo, pelo lugar ocupado na metáfora.

Por essa leitura da metáfora como lugar de experiência é que podemos adentrar no jogo da linguagem das metáforas de um tipo mais específico, as bíblicas, que aqui são capazes de resgatar o poder da imagem a novas ressignificações da vida.

3. Metáforas bíblicas

Compreendemos que as metáforas na *Bíblia* exigem, também, um olhar mais atento e aberto, e não só um endereçamento de uma palavra a um objeto

²⁵ Jacques Rancière, *A Partilha do Sensível: estética e política*, 2005, p. 16.

²⁶ Jacques Rancière, *A Partilha do Sensível: estética e política*, 2005, p. 32-38.

ou situação, mas o exercício do pensamento e da imaginação que fundam nossa realidade e produzem o mundo no qual estamos inseridos.

As metáforas na *Bíblia* precisam ser lidas e compreendidas indo ao encontro de uma abertura poética, em que, por “detrás” da metáfora, apresenta-se uma carga histórica-contextual e de múltiplas relações. Ela não para por aqui, pois produz a experiência de um mundo. Então, não podemos usar as metáforas como uma compreensão subjetiva porque ela tem um viés religioso, ou seja, ela tem uma base pré-estabelecida que é a ideia de unificar os modelos de verdade; modelos estes que vão ao encontro de um projeto religioso que prega a moral, o bem, a solidariedade, conceitos religiosos. E é isso que a metáfora quer traduzir; porém, não como regras e objetos representados, mas como um convite a essa forma de pensamento, ou seja, a pessoa se identifica com a metáfora.

Há múltiplas metáforas dentro da *Bíblia* e não podem ser confundidas com parábolas, pois:

A parábola é um tipo de linguagem figurada em que se fazem comparações; mas, em vez de usar uma só palavra ou expressão para a comparação ou analogia, como ocorre num símile ou numa metáfora, a parábola faz uma ampla analogia em forma de história²⁷.

Em outras palavras, as parábolas são histórias e as metáforas estão inseridas dentro dessas histórias.

Como já mencionado anteriormente, na *Bíblia* há diversas metáforas e possibilidades de interpretá-las. Em *Lucas*, capítulo 13, versículo 32, há uma das passagens que diz “Ide, e dizei àquela raposa”. Nessa passagem da *Bíblia* cabem dois tipos de interpretação: uma é a pessoa que está sendo comparada a um animal, no caso, o Rei Herodes; a outra é que se está dizendo que o rei é astucioso e malvado. Vemos que não se trata apenas de uma metáfora como analogia; para interpretá-la, é preciso ter o conhecimento histórico das escrituras. Caso contrário, esses versículos e tantos outros seriam interpretados de forma contrária em relação ao que se deve entender. São formas nas quais o

²⁷ Claiton André Kunz, *Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações*, 2006, p. 9.

conhecimento do contexto em que se está inserido, vai determinar o enunciado real, ou seja, deve-se ler o texto para entendê-lo; como, por exemplo, em *Isaías*, capítulo 40, versículo 31: “mas os que esperam no Senhor renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão”. Nesse versículo, Deleuze diria que “esses enunciados perdem todo sentido se neles vemos metáforas; ou de que, se eles têm um sentido, é ao custo de uma compreensão literal”²⁸. Sendo assim, não são necessárias as palavras “asas” e “águias”, porque elas tiram todo sentido real da coisa em si.

Ricoeur nos lembra que “em primeiro lugar, vem o encontro com o acontecimento, depois a mudança na direção do coração e, depois, o agir em função disso”²⁹. É lendo desde o começo que se saberá de onde surge tal analogia. Não queremos “olhar” para essa interpretação das metáforas apenas com essa visão histórica ou de referências objetivas, mas com a visão do que ainda pode se desdobrar quando se experimenta a metáfora como “ação”, como parte fundante do que somos e fazemos.

Nenhuma tradução em linguagem abstrata é oferecida, mas somente a violência de uma linguagem que do começo ao fim pensa através da metáfora, e nunca além dela. O poder dessa linguagem é que ela se mantém até o fim completamente na tensão criada pelas imagens³⁰.

Imagina-se, então, um enunciado sempre voltado à forma de imagem e nunca além do que ela realmente oferece, pois o que está em jogo já é uma outra condição do pensamento, ou seja, o primeiro contato que se tem dessas metáforas é o de imaginá-las em forma de imagem, a partir do que está sendo lido, em vez de saber (referencialmente) o que está sendo representado. E esse tipo de olhar é o que podemos observar quando nos deparamos com essas metáforas.

Sendo assim, primeiramente temos que entender que aquele que traduz as metáforas da *Bíblia* entende o que Jesus quer dizer ou o que ele não queria dizer, como no *Evangelho de Tomé*: “o reino está dentro de vós e está fora de

²⁸ François Zourabichvili, *Deleuze e a questão da literalidade*, 2005, p. 5.

²⁹ Jacques Rancière, *A Partilha do Sensível: estética e política*, 2005, p. 228.

³⁰ Aline Magalhães Pinto, *As Sagradas Escrituras: imaginação e acontecimento - um comentário sobre a hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur*, 2011, p. 8.

vós". Essa passagem da *Bíblia* quer dizer que Deus permanece em nosso meio por intermédio dos que vivem e pregam a palavra d'Ele. Como diz Northrop Frye (1912-1992), "à medida que lemos, nossa atenção caminha em duas direções: uma para o exterior, em busca do significado convencional ou memorizado, e outra para o interior, em busca do significado específico e contextualizado"³¹. Percebemos, então, que a *Bíblia* é uma leitura literária, pois ela é formada por multiplicidades de perspectivas ao longo do percurso da leitura.

As escrituras bíblicas nos fazem pensar que correspondem a escritos mitológicos, por conter histórias, mitos, lendas, uma vez que a *Bíblia* conta a história do passado e futuro de Israel. Segundo Frye:

Se 'congelarmos' a Bíblia numa unidade simultânea, ela aparecerá como uma única metáfora, gigantesca e complexa; primeiro, num sentido tautológico, pois todas as estruturas verbais são metafóricas por justaposição; segundo, no sentido específico de conter uma estrutura de imagens significativamente reiteradas³².

Portanto, há metáforas na *Bíblia* que nos mostram que suas referências são comparadas a figuras de linguagem, como podemos ver em *Gênesis* capítulo 49. No decorrer desse texto, o capítulo é explicitado e comparado a uma analogia, tratando os filhos de Jacó como animais e coisas. Consequentemente, em *João* capítulo 10, versículo 11: "Eu sou o Bom Pastor; o Bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas", também é usada essa imagem, simbolizando o "Bom Pastor", que, no caso, refere-se a Jesus e seu rebanho, a igreja. Assim, a metáfora é uma condição do pensamento e, também, de criação, produzindo um sentido que vai muito além da consciência de listar um objeto, ou de dizer que isso é aquilo, ou de fazer uma descrição apenas, tendo, intrinsecamente, uma experiência.

Sendo assim, as metáforas bíblicas se tornam uma fonte inesgotável por oferecerem essa dupla condição, como uma interpretação de sentidos (seja histórica, por exemplo) ou como uma compreensão que aproxima quem lê dessa

³¹ Northrop Frye, *O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*, 2004, p. 84.

³² Northrop Frye, *O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*, 2004, p. 91.

experiência de imagens e poética. Por isso, é importante nos dedicarmos a observá-las, interpretá-las e compreendê-las. Charteris-Black defende que:

[...] a metáfora é muito adequada para o texto religioso ‘Porque é um meio primário pelo qual o desconhecido pode ser conceituado em termos do que já é conhecido’. Entende-se, portanto, que metáfora é o meio principal para fornecer explicações espirituais, uma vez que só pode ser expressa, referindo-se ao que é experimentado no mundo físico³³.

Ou seja, se a *Bíblia* não tivesse essa analogia de fácil entendimento para quem a lê, seria um texto complexo e, por isso, muitas pessoas não conseguiriam distinguir ou decifrar o que Jesus tenta explicar de forma mais simples. Por conta das analogias citadas no decorrer das passagens bíblicas, as metáforas têm esse jogo de pensamento e criação, fazendo com que o leitor possa juntar as peças e ver que, comparando o reino espiritual e o físico, há essa possibilidade de conexão.

Seguindo com o entendimento sobre a metáfora religiosa, Paul Tillich (1886-1965) aborda um assunto importante de que “Deus, portanto, só pode ser um símbolo do qual o ser humano pode falar, mas não pode compreender totalmente devido a densidade do mistério de Deus”³⁴, ou seja, “falar de Deus é, essencialmente, falar da vida em formas simbólicas”³⁵. Deus, para Tillich, seria uma manifestação simbólica de elementos ontológicos, ou seja, parte primeiramente de Deus os fundamentos reais para as simbolizações. Pensamos em Deus como o princípio de tudo que existe.

Deus está no desenvolvimento da criação, Deus se realiza continuamente na realidade. Sem Deus, ou seja, sem o Deus vivo (que é o que Tillich denomina por “Deus enquanto o vivente”), não haveria o fundamento criativo que há no ser humano, que é o movimento de transcendência. Assim, compreender o símbolo de Deus em Tillich é compreender a vida enquanto atualização da polaridade da ontologia³⁶.

³³ Monika Nascimento Almeida, *O Papel da Metáfora “A Vida É Uma Viagem” em Textos Literários*, 2017, p. 222 - tradução nossa. ‘Because it is a primary means by which the Unknown can be conceptualised in terms of what is already know’.

³⁴ Vitor Chaves de Souza, *A Metáfora no Nome de Deus: leituras em Paul Tillich e Paul Ricoeur*, 2014, p. 121.

³⁵ *Idem*, p. 120.

³⁶ *Idem*, p. 119.

Lendo Ricoeur e Tillich, Souza diz que para Ricoeur não há um nome próprio para Deus, pois em *Isaias* capítulo 9, versículo 6, diz-se que Deus é “[...] Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”; Ele também é “Deus dos exércitos” (*Oséias* capítulo 12, versículo 5). Isso quer dizer que, se para Tillich, Deus acaba sendo a primeira existência e tudo que existe partiu primeiro d’Ele e Ele é uma própria metáfora, para Ricoeur o pensamento de Tillich não está desconectado do seu pensamento; porém, como já mencionado, Ricoeur só está defendendo seu pensamento de que Deus não tem um nome próprio, mas sim reticências nas quais é conhecido por vários nomes. Portanto, conforme reproduzido por Souza, para Tillich, “o símbolo é a profundidade da razão, enquanto para Ricoeur o símbolo dá o que pensar”³⁷. Dessa forma, compreendemos, então, a metáfora da *Bíblia* também como pensamento de criação. A metáfora, no nome divino, seria um símbolo que abraça um indivíduo e uma comunidade em geral, que a vivência.

À guisa de conclusão

A partir de tudo isso que foi visto, podemos compreender que as metáforas nos permitem uma ampla visão do mundo. Por meio dos filósofos citados e dos artistas que fizeram da metáfora um lugar de experiência, cada um com sua maneira de interpretar, entende-se que a metáfora é usada na vida cotidiana e seu efeito principal é o de despertar o nosso interesse e permitir que vejamos de maneira diferente uma grande quantidade de detalhes que antes não percebíamos. Para isso, entretanto, é muito importante que continuemos reconhecendo, pela compreensão, as "surpresas" da linguagem metafórica e das imagens geradas a partir delas.

Outros autores, no entanto, dizem que a metáfora nos dá um duplo sentido com tensão ao literal e ao figurado e que, independentemente do pensamento de cada autor citado, percebemos que é possível ressignificar, dar uma nova perspectiva às metáforas. Afinal, Aristóteles não conseguiu definir a

³⁷*Idem*, p. 124.

metáfora além das palavras, mas foi possível perceber que outros filósofos conseguiram transformar e dar um novo sentido ao ato de criação.

Assim, tanto as metáforas do dia a dia, quanto as da *Bíblia* podem criar um lugar de experiência e compreensão.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1026 p. Disponível

em: https://ead2.iff.edu.br/pluginfile.php/160169/mod_resource/content/1/Dicion%C3%A1rio%20de%20Filosofia%20-%20Nicola%20Abbagnano.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.

AGUIAR, Marcos Sávio Santos. Derrida: a libertação da metáfora dos domínios da metafísica. Universidade Federal de Sergipe (UFS). *Prometeus*, ano 10, n. 24. Set./dez., 2017. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/7187>. Acesso em: 25 ago. 2020.

ALMEIDA, Monika Nascimento. O Papel da Metáfora: “A Vida É Uma Viagem” em Textos Literários. *Revista Porto das Letras*. Minas Gerais, v. 3, n. 2, 23 set. 2017. p. 218-236. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/3582/12658/>. Acesso em: 2 out. 2020.

ARISTOTLE. *The “Art” of Rhetoric*. Englis Translation by J. H. Freese. Massachusetts, USA: Harvard University, 1926.

ARISTÓTELES. *Poética*. [Tradução de Ana Maria Valente]. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CARDOSO, Marco Antônio. *O papel da metáfora no discurso filosófico*. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação. Departamento

de Filosofia, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2016. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2749>. Acesso em: 19 set. 2020.

FRYE, Northrop. *O Código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004. 293 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1N5uX6MmJJB37JuXa8dz6sLfof82SgzWe/view?fbclid=IwAR1EtbcRXLa5NzQPWQQ3nE_aIRaL8I7t56u9B66uyzmMFoAcX2Flv4Kq5xk. Acesso em: 2 out. 2020.

KUNZ, Claiton André. *Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações*. 2006. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp001028.pdf>. Acesso em: 6 out. 2020.

LIMA, Aldo de. A metáfora: da analogia à técnica de fusão de opostos. *Revista Investigações*. Pernambuco, UFPE, Pernambuco, v. 18, n. 1, 2015.

MONTEIRO, Átila Brandão. A Verdade como Dissimulação em Nietzsche: elementos para uma crítica da concepção essencialista de linguagem. Existência e Arte. *Revista Eletrônica do Grupo PET*. São João Del-Rei, v. 7, n. 8, nov. 2012. p. 36-45. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A_Verdade_como_Dissimulacao_em_Nietzsche.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Sobre verdades e mentiras no sentido extra-moral* (Obras incompletas). [Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho]. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

OLIVEIRA, R. Hermenêutica e Literatura: a metáfora em Paul Ricoeur como princípio de interpretação da poética em “O Guesa”, de Sousândrade. *Revista Desenredo*, v. 14, n. 1, 30 mai. 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6815/4842>. Acesso em: 26 ago. 2020.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. Metáfora e discurso filosófico. *Ekstasis.Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*. [S.L.], v. 7, n. 2, 14 jun. 2019. p. 143-154.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível

em:<http://dx.doi.org/10.12957/ek.2018.38207>. Acesso em: 19 set. 2020.

PINTO, Aline Magalhães. As Sagradas Escrituras: imaginação e acontecimento - um comentário sobre a hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur. *Mneme.Revista de Humanidades*. Campos do Caicó, v. 12, n. 29, 29 nov. 2011. p. 208-219.

Semestral. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/982/959>. Acesso em: 31 ago. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: estética e política*. 2. ed. São Paulo: Edição 34, 2005. 72 p. Mônica Costa Netto. Disponível em:

<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2015/05/ranciere-a-partilha-do-sensivel1.pdf>. Acesso em: 8 out. 2020.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora viva*. 2. ed. São Paulo: Edições Layola, 2000. 504 p. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/a-metc3a1fora-viva.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.

SAMPAIO, WanyBernardete; LAMARÃO, Joeliza Bezerra. Metáfora ontológica: a personificação na narrativa mítica e nos processos de formação de palavras Tupí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 7, n. 1, 2015. p. 113-133. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/16292/14580>. Acesso em: 25 ago. 2020.

SOUZA, Vitor Chaves de. A Metáfora no Nome de Deus: leituras em Paul Tillich e Paul Ricoeur. *Revista Eletrônica Correlatio*. São Paulo, v. 13, n. 25, 25 jun. 2014. p. 117-129. Disponível em:<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/5028>. Acesso em: 2 out. 2020.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e a questão da literalidade. *Educ. Soc.* Campinas, v. 26, n. 93, 2005. p. 1309-1321. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 ago. 2020. Dóí:
<https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000400012>.

Referência para citação deste artigo

AZEREDO, Jéferson L. SILVEIRA, Edivan W. Criação artística e metáforas bíblicas: uma relação de experiência. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 2, p. 292–312, dezembro de 2021.